

A Multiplicidade da(s) Violência(s) – um real bem feminino

significado para todos, não apenas para as mulheres, mas também para os homens, que é a liberdade de circulação em espaços públicos. As pessoas mais velhas lembram-se das restrições que havia em relação, por exemplo, ao fumar em público, ao entrar num café, o à-vontade em circular nas ruas, nos transportes públicos, etc. E em relação a isso, de facto, basta ter algum tempo de memória para ter registado progressos extraordinários e que não são apenas marcantes no que respeita ao espaço de liberdade que a mulher conquistou, mas que enriquece toda a forma como nós, homens e mulheres numa sociedade aberta, nos tratamos e nos desenvolvemos.

Talvez por isso é que se torna absolutamente surpreendente verificarmos que, a despeito de todos esses progressos de realização social, continuamos a constatar comportamentos que nos deixam atónitos, e a manutenção de valores culturais atávicos, que resistem muito mais do que esperaríamos. É perturbador verificar a realidade da violência que persiste, porque nos revela aspetos negativos da natureza humana, nomeadamente na componente masculina. Essa constatação obriga-nos a ressaltar a importância do tema que está hoje aqui em discussão.

É um tema que importa investigar para conhecer; debater para encontrar soluções; e organizar para que sejam implementadas medidas dignas de uma sociedade civilizada.

Fica assim salientada a importância que a Universidade de Aveiro reconhece a este tema, e a este Congresso.

Por isso concluo: Bem vindos, e bom trabalho!

Maria Manuel Baptista

Diretora do Programa Doutoral
em Estudos Culturais da UA/UM



Género, Feminismo e Pós-feminismo

- INTERVENÇÃO NA ABERTURA DO CONGRESSO -

Muito bom dia a todos e todas.

Sejam bem-vindos à Universidade de Aveiro, um local que procuramos que seja de acolhimento, como acabou de dizer o Senhor Vice-reitor. Foi também com este espírito que procurámos acolher o projecto do MDM, da melhor maneira que pudemos e soubemos, no nosso Departamento de Línguas e Culturas. Agradeço muito o convite para estar aqui, hoje, a abrir este Congresso.

Há muitas razões para um programa doutoral em Estudos Culturais estar ligado a este projecto e estar ligado a esta causa dos Estudos de Género. Em primeiro lugar, quer do ponto de vista epistemológico e científico, quer do ponto de vista académico, os Estudos Culturais - de que nós somos o primeiro programa doutoral em Portugal, juntamente com a Universidade do Minho - estudam, de forma central, as questões de género. Ou seja, se há uma temática que podemos considerar como incontornável, embora não seja a única nos Estudos Culturais, é esta e eu vou tentar, aqui, explicar um pouco porquê e fazer o enquadramento teórico, que nos ocupa quando abordamos as questões de Género.

Mas antes de chegar à questão teórica, queria dizer-vos que não só a questão de Género para nós é central, mas também a questão da Violência, que é uma temática transversal dos Estudos Culturais e, portanto, dentro do nosso programa doutoral. Este projecto junta Género e Violência, por isso não poderia estar mais no centro das nossas preocupações e das nossas actividades. Para terem uma ideia, o programa funciona há quatro anos e temos sensivelmente 30 alunos por ano, metade dos quais são internacionais. Mais concretamente, uma boa parte dos nossos investigadores são oriundos da CPLP, do Brasil, de Moçambique, Angola, Cabo Verde, etc. Aí as questões de género colocam-se ainda com maior acuidade, sobretudo em África, onde praticamente está tudo por fazer, como bem sabemos.

Não admira por isso que tenha sido acabada de criar, como uma spin-off do próprio programa doutoral em Estudos Culturais, uma Associação de Combate à Violência. Trata-se de uma ONG que integra alunos e docentes, alguns dos quais

também estão presentes aqui e pertencem ao MDM. Esta ONG chama-se IRENNE, que significa paz, em grego, e é a primeira de um conjunto de Associações, Cooperativas e Empresas Sociais, enfim, de um empreendedorismo social que gostaríamos de dinamizar a partir do programa doutoral em Estudos Culturais. Nós não estamos à espera que o Estado nos venha financiar directamente, nem estamos à espera que as Câmaras Municipais nos venham chamar para desenvolver projectos; nós vamos de facto fazê-los e vamos ajudar a construir uma maior sensibilidade à questão da responsabilidade social e do empreendedorismo social, através da cultura, obviar claramente a questões de género, e a questões de violência, que são para nós centrais.

Deixando agora um ponto de vista institucional e procurando centrar-me numa perspectiva mais teórica, a pergunta que hoje há a fazer é a que muitos de nós já ouvimos em muitos fóruns e em muitos meios de comunicação e que é a seguinte: faz ainda hoje sentido, no século XXI, ser feminista em Portugal?

É muito curioso que, quando assistimos em Portugal a um debate em torno das questões de género, homens e mulheres, qualquer que seja a sua inserção política ou social, é muito comum começarem por dizer: 'eu não sou feminista, mas...'. Isto é muitíssimo interessante e serve para nos interrogarmos: esta pessoa que afirma não ser feminista por que está na causa feminista há 20, 30, 40 anos?

Que lugar é este da cultura portuguesa, que sinaliza um certo desconforto face à palavra "feminista"? Quando ouvimos com atenção os discursos e os analisamos mais profundamente de um ponto de vista crítico, torna-se claro que este "não sou feminista", em Portugal, parece querer dizer: "eu não vou para a rua queimar soutiens"! Com efeito o que as pessoas dizem é que 'eu não sou feminista, mas, ainda assim, não posso deixar de reconhecer e implicar-me ao saber que as mulheres são maltratadas'. E isto é uma coisa que me coloca algumas interrogações e nos coloca a nós, no programa doutoral dos Estudos Culturais: o que é que isto quer de facto dizer?

A segunda questão, que nos preocupa, e que nos ocupa, é uma outra que remete para uma segunda perplexidade: é este um assunto de mulheres? É este um assunto que só deve preocupar as mulheres? Ou ainda uma outra: as questões de género são questões só sobre mulheres?

É muito em torno destas três questões que o programa doutoral em Estudos Culturais tem promovido investigação nesta área. O feminismo, para nós na área dos

Estudos Culturais, começa normalmente por ser sinalizado com Simone de Beauvoir, que todos nós conhecemos. A Simone de Beauvoir, que nos vem de um contexto filosófico do existencialismo, vem chamar a atenção para os direitos da mulher, para o outro que a mulher é. Estas questões estão, com efeito, na base dos Estudos Culturais, que nascem nos anos 60, em Birmingham e que, no primeiro momento, procuram estudar quer a cultura das minorias marginalizadas e desinteressantes para as ciências humanas e sociais clássicas, quer as culturas massificadas.

Curiosamente, os Estudos Culturais serão rapidamente desafiados por este primeiro feminismo, que vem através da Simone de Beauvoir, e que instiga a pensar mais longe, ou seja, os Estudos Culturais ainda em formação foram profundamente desestruturados pelos Estudos Feministas. E isto é de tal importância que sempre que os Estudos Feministas ou de Género avançam, os Estudos Culturais não podem deixar de reflectir essas mudanças. Este desafio que tem sido constante no tempo, e que é simultaneamente um processo muito instabilizante, é muito criativo porque nos obriga a pensar tudo de novo.

Vou dar-vos um exemplo, entre muitos outros: os Estudos Pós-coloniais (outra das temáticas dos Estudos Culturais) nascem na sequência dos Estudos Feministas. Mas não só: os próprios estudos sobre o Poder, que nos vêm dos actuais estudos de Género (na sequência e ultrapassando a própria Simone de Beauvoir) têm tido um impacto significativo nos Estudos Culturais.

Neste âmbito as questões que hoje se nos colocam a partir dos estudos de Género passam pela investigação não só do Poder, mas também dos Sistemas do Poder, que de alguma maneira produzem homens e mulheres, tais como nós os conhecemos, em que o homem, obviamente, é reconhecido como uma figura dominante, e a mulher o *outro* do homem. Chamo-vos igualmente a atenção para as questões do micro-poder. As questões macro são as questões mais visíveis, são as questões mais de situação, de produção também de corpos, de normas das sociedades. Mas também existe o micro-poder, que se relaciona com aquilo que hoje de uma forma mais corrente designamos por violência doméstica, tudo aquilo que se passa ao nível da intimidade das pessoas, que é micro e, como o micro, é mais difícil de detectar e analisar.

Para nós, nos Estudos Culturais, as questões de Género não interessam apenas às mulheres. As questões de género interessam às mulheres, interessam aos

homens, interessam a todos os seres humanos. Mais: talvez valesse a pena, como dizia o meu Vice-reitor, aqui à chegada, 'eu venho como um homem de boa-vontade', pensarmos-nos como seres humanos, em primeiro lugar, antes de nos pensarmos enquanto homens e mulheres.

Reconheço, no entanto, que existe uma tensão muito grande dentro dos Estudos Feministas, do ponto de vista teórico e do ponto de vista prático: por um lado, teoricamente, já não basta dizer que eu continuo a ser feminista, porque a ideia é implodir o género e passa a falar em seres humanos; mas, por outro lado, temos de continuar a ser feministas. Temos que ter as duas valências, ou antes temos de ser simultaneamente pós-feministas e continuar a ser activamente feministas, como se partes do século XXI também fossem ainda século XX, XIX, século XVIII....

Já vos disse que nós temos bem a noção, por exemplo, do que se passa em África (também na que fala português), onde há dificuldades de género fortíssimas, com profundas causas e consequências culturais, sociais, económicas e políticas, Portanto, temos boas razões para continuarmos a ser feministas. Mas também temos que ser pós-feministas, olhando as questões de género para além do feminismo.

É que, de facto, as questões de género não são questões de natureza, nem biológica, nem sexual, genital ou psicológica. Aquilo a que os Estudos Culturais chegam hoje como sendo a contribuição teórica mais interessante vem-nos de Judith Butler, cuja obra não está sequer traduzida em português, e que introduz a ideia de "Undoing Gender", ou seja, a necessidade de 'desfazer o Género'.

O repto é o seguinte: importa não pensar mais o Género e a sexualidade como sendo um elemento da natureza, a qual nos imporá imediatamente um tipo de conduta, de forma de estar, de ser, de sentir...

E quando lemos Judith Butler, que chama a atenção, quer para a nossa realidade social e cultural, quer mais especificamente para a linguística - imaginem que até a linguística é para aqui chamada (como muito bem sabe, aqui, a senhora doutora Regina aqui presente) – deparamo-nos com este desafio: e se pensássemos o género e a sexualidade como performatividade?

Bom, podem-me dizer, 'isso é muito bonito, mas as mulheres continuam a ser submetidas e mortas'. E isso é verdade. Por essa razão, temos de ser sempre feministas, anti-feministas, pós-feministas. Aliás, como diz a própria Judith Butler,

quando lhe perguntam se ela já não é feminista, ela responde: 'claro, sou, continuo a ser: sou feminista e anti-feminista e pós-feminista'.

Mas como implodir o género? Como é possível pensar, sem ser a partir da questão de género?

Eu vou dar-vos aqui uma pequena nota, a partir daquilo que o Facebook já publica (não ainda em Portugal...). Às vezes a realidade vai mais longe, vai à frente da própria teoria e da própria possibilidade do conhecimento teórico e da imaginação. Na edição desta semana da revista "Visão" pode ler-se o seguinte título: 'O Facebook sem limite de identidade?' E o texto inicia-se do seguinte modo: 'hoje nos Estados Unidos, se for utilizador do Facebook tem mais de 50 opções para *customizar* o seu próprio género'. Ou seja, para além de no Facebook cada um poder dizer se é homem ou mulher, há já 50 possibilidades entre o ser homem e o ser mulher. Por exemplo, eu posso escolher agénero, ou seja sem género, não me identificando com as identidades existentes. Há ainda o andrógino, pessoa com qualidades masculinas e femininas; cisgénero, identidade de género associado ao sexo biológico, havendo o Cis feminino e o Cis masculino; o FTM, feminino para o masculino; MFT masculino para o feminino; género fluído, pessoa que concebe o seu género como dinâmico ou alvo de flutuações, consoante o que sente a cada momento; género em questão, não se definiu ainda em relação ao género ou identidade de género e/ou está a equacionar formas de expressá-lo; o intersexo, alguém cuja constituição sexual, perfil hormonal e anatómico não encaixa no corpo tipicamente feminino ou masculino; pangénero, transgénero, two-spirit...

Não vou aqui referir os 50. Isto que pode trazer alguma confusão ao senso-comum, mas significa, no mínimo, que o género não é uma coisa que esteja inscrita na natureza, e que podemos mesmo implodi-lo. Isto é uma forma de o implodir e de pensar o problema de género a partir de um outro lugar.

Compreendo que este registo possa ser uma conversa muito pós-moderna, que não serve para quem ainda não saiu sequer da época medieval e é vítima de violências e preconceitos ancestrais. Mas a nossa contemporaneidade obriga-nos a dar três passos à frente e outros tantos atrás. É que nenhuma destas histórias terminou ainda, e não são só as mulheres que são vítimas de violência. Por exemplo, nós, a partir dos Estudos Culturais, estudamos também a violência

de Género relacionada com a homossexualidade. Veja-se que, por exemplo, em África, só há três ou quatro países que não têm a homossexualidade descriminalizada, e isto também é violência de Género.

Em suma, quando começamos a olhar para as questões de Género e para as questões da violência, começamos a ver aqui um conjunto muito grande de problemas: muitas histórias, muitos tempos que decorrem paralelamente e todas estas histórias são contemporâneas umas das outras, todas elas se interligam e é por isso que nós, nos Estudos Culturais, falamos em bio-poder e bio-tecnologia do corpo.

Não vou entrar hoje por aí, quero apenas desejar-vos um bom trabalho, e sublinhar que, pela nossa parte faremos tudo para que o programa doutoral de Estudos Culturais dissemine esta ideia de que os Estudos de Género não levantam apenas questões sobre mulheres (embora tendo ainda como preocupação incontornável a situação das mulheres) e, sobretudo, que o Género não é um tema que interessa a todos e não apenas às mulheres.

Regina Marques

Secretariado Nacional do MDM



A Urgência de quebrar a re-vitimização

- INTERVENÇÃO NA ABERTURA DO CONGRESSO -

Neste CONGRESSO TEMÁTICO a que chamamos “**A multiplicidade da(s) violência(s) – um real bem feminino**”, estarão em análise múltiplas violências que se abatem especialmente sobre as mulheres, sejam a violência no namoro e a violência doméstica, o tráfico e a prostituição, ou o assédio moral no local de trabalho. Desta complexidade, procuraremos traçar qual o nosso papel e a nossa proposta no quadro atual que, para além dos números de mortes, de queixas à PSP/GNR que não param de aumentar, nos parece ter novas dimensões, novos contornos.

O MDM, movimento inserido na trama social e política da movimentação das mulheres no nosso país, deu início a esta discussão pública, em tempos em que pouco se ouvia falar de violência doméstica e sobretudo mal se conhecia como fenómeno social de estudo com interesse académico. O tribunal de opinião contra a violência organizado pelo MDM, numa verdadeira sala de audiência no CEJ, em Lisboa, ainda nos anos 80, na encenação criada para o efeito, condenava a violência sobre as mulheres, absolvía então a vítima, dava uma forte reprimenda ao agressor, ao mesmo tempo que fazia acusação pública à sociedade, sempre pronta a culpabilizar as mulheres pela sua determinação e audácia, violava princípios da igualdade entre mulheres e homens, não assegurando a garantia dos direitos à igualdade na família, na vida social e no trabalho.

Uma organização como o MDM tem um papel que não é comparável ao das instituições públicas ou privadas com responsabilidades na assistência e tratamento do crime enquanto tal.

A sua responsabilidade é no âmbito da intervenção social e política, com vista à melhoria das condições de vida das mulheres que são afetadas pelas violências, tendo em conta que a violência é fruto do estatuto condicionado e injusto de que gozam as mulheres em geral, na sociedade dos nossos dias.

Parece-nos de sublinhar que, em resultado das longas lutas de movimentos de mulheres e de outras instituições, que durante anos foram reivindicando medidas de combate à violência, e também por pressão da comunidade internacio-